

O enlace entre a literatura e a linguística enunciativa Benvenistiana: *palavras para fazer ouvir interrogações*

Liaisons between literature and Benveniste's enunciative linguistics: words that enable listening to interrogations

Carolina Knack¹

Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio Grande, RS, Brasil.

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG-Letras) e do Instituto de Letras e Artes (ILA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutora e Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

 <http://orcid.org/0000-0001-8499-7087>

E-mail: carolinaknack@gmail.com

RESUMO: Este artigo trata do laço entre a literatura e a linguística enunciativa derivada dos postulados de Émile Benveniste. Com o objetivo de refletir sobre tal relação, propõe considerar a literatura como uma experiência (inter)subjektivante que testemunha a condição humana na linguagem e que se estabelece, desse modo, como um interrogante para o pesquisador enunciativo. Assumindo esse ponto de vista, apresenta, primeiramente, uma retomada dos caminhos pelos quais a interface entre linguística benvenistiana e literatura tem se instaurado; em seguida, recupera alguns princípios da teoria enunciativa, conforme Benveniste, articulando-os a uma noção de literatura como experiência humana, conforme Candido; por fim, constrói uma breve leitura do conto *O espelho*, de Machado de Assis, considerado como um fato de linguagem que dá a ver princípios que fundamentam a própria linguística enunciativa benvenistiana.

Palavras-chave: Teoria da Enunciação; Discurso; Sociedade; Subjetividade.

ABSTRACT: This paper approaches liaisons between literature and enunciative linguistics derived from Émile Benveniste's theoretical postulations. With the purpose of reflecting on such relationship, it proposes to consider literature as an (inter)subjective experience which attests human condition in language and thus establishes itself as a research topic for enunciation researchers. From this point of view, it firstly reviews the ways through which the interface between Benvenistian linguistics and literature has been established; after that, it approaches some of the enunciative theory's principles, according to Benveniste, articulating them with a notion of literature as a human experience, as stated by Candido; finally, it conducts a brief analysis of the short story entitled *O Espelho*, by Machado de Assis, which is considered as a theoretical fact of analysis that enables the inclusion of Benvenistian enunciative linguistics' framework.

Keywords: Theory of Enunciation; Discourse; Society; Subjectivity.

Sabemos que um grande número de mitos, lendas e contos são etiológicos, isto é, são um modo figurado ou fictício de explicar o aparecimento e a razão de ser do mundo físico e da sociedade.

Por isso há uma relação curiosa entre a imaginação explicativa, que é a do cientista, e a imaginação fantástica, ou ficcional, ou poética, que é a do artista e do escritor.

Haveria pontos de contato entre ambas?

(ANTONIO CANDIDO. *A literatura e a formação do homem*, 1999, p. 83)

Considerações iniciais

A relação entre linguística e literatura no âmbito dos estudos enunciativos foi já destacada por Flores e Teixeira em 2005, em obra introdutória à Linguística da Enunciação, campo que abriga diferentes autores, como Bakhtin e Jakobson, os quais, inclusive, são reconhecidos por clássicos trabalhos que ensejam tal relação. À época, Flores e Teixeira (2005) indicavam que, para além desses autores, seria possível explorar outros teóricos da área para, com base em seus referenciais, poder algo dizer sobre o texto literário. No caminho que conduz a mais uma possível abordagem filiada ao campo, penso poder encontrar Émile Benveniste¹.

Em entrevista concedida a Guy Damur, a qual constitui o texto *Esta linguagem que faz história*, integrante da obra *Problemas de Linguística Geral II* (BENVENISTE, 1968a/2006)², Benveniste manifesta o quanto a literatura interessa à Linguística. Após o linguista empregar a palavra “poema” para abordar o fato de nele se “encontrar um sentido frequentemente muito distante do sentido literal” (1968a/2006, p. 36), Damur lança-lhe a interrogação: “O senhor pronunciou a palavra poema. A linguagem poética tem interesse para a linguística?”. “Imensamente”, responde-lhe Benveniste, complementando: “Mas este trabalho apenas começou. Não se pode dizer que o objeto de estudo, o método a ser empregado já estejam claramente definidos. [...]” (BENVENISTE, 1968a/2006, p. 37).

¹ O recorte estabelecido para este artigo compreende as bases enunciativas do pensamento de Émile Benveniste. Ainda assim, não desconsidera a amplitude da *Teoria da Linguagem* de Benveniste, expressão que, no entendimento de Flores (2013, p. 190), “inclui os trabalhos presentes nos Problemas de Linguística Geral e todos os demais trabalhos produzidos por ele, incluindo-se aí os ligados à linguística comparativa, às reflexões sobre literatura, cultura etc.”

² A referência aos textos integrantes das obras *Problemas de Linguística Geral I e II* (PLGs) considerará, primeiro, a indicação do ano em que o artigo em questão foi publicado originalmente e, segundo, o ano da edição dos PLGs.

Aos leitores do linguista, a presença de apontamentos como esse sobre a literatura, da poesia à prosa, não é fator de estranhamento. Os artigos de *Problemas de Linguística Geral I e II*, por exemplo, contêm menções a grandes autores, como Homero³, Baudelaire⁴, Rimbaud⁵. Porém, se “nós já sabíamos que Benveniste se permitia refletir sobre a literatura e sobre a arte” (LAPLANTINE, 2013, p. 224), é no conjunto heterogêneo de notas manuscritas por ele sobre a poética de Baudelaire que podemos encontrar uma reflexão profundamente voltada a esse interesse. Nessas notas, tal como esclarecem Flores e Teixeira (2013, p. 8), Benveniste tem como objeto a linguagem poética, mais especificamente o discurso poético, o qual o linguista busca compreender a partir do estudo de uma “língua poética”, a de Baudelaire.

Nesse sentido, “É a literatura enquanto experiência (inter)subjetivante e atividade crítica da linguagem que interessa Benveniste.” (LAPLANTINE, 2013, p. 223). Esses aspectos, segundo Laplantine⁶, comparecem nos manuscritos sobre Baudelaire, porque os poemas desse literato renovam tanto a referida experiência quanto a língua. É, portanto, o modo de

³ Em *Esta linguagem que faz história* (1968/2006, p. 29, grifo nosso), afirma Benveniste a respeito da Linguística: “A linguística é a tentativa de compreender este objeto evanescente: a linguagem, para estudá-la como se estudam os objetos concretos. Trata-se de transformar as palavras que voam – o que Homero chamava as “palavras aladas” – em uma matéria concreta, que se estuda, que se disseca, onde se delimitam unidades, onde se isolam núveis.”

⁴ Em *Semiologia da Língua* (1969/2006, p. 62, grifo nosso), diz Benveniste, quanto às relações entre sistemas semióticos: “A natureza da homologia [entre sistemas semióticos] pode variar, intuitiva ou racional, substancial ou estrutural, conceptual ou poética. ‘Les parfums, les couleurs et les sons se répondent’. Estas ‘correspondências’ não estão senão em Baudelaire, elas organizam seu universo poético e a criação que o reflete.”

⁵ Em *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1946/2005, p. 253, grifo nosso), ao tratar da unicidade da categoria de pessoa, Benveniste refere: “De fato, uma característica das pessoas ‘eu’ e ‘tu’ é a sua unicidade específica: o ‘eu’ que enuncia, o ‘tu’ ao qual ‘eu’ se dirige são cada vez únicos. ‘Ele’, porém, pode ser uma infinidade de sujeitos – ou nenhum. É por isso que o je est un autre [= ‘eu é um outro’] de Rimbaud fornece a expressão típica do que é propriamente a “alienação” mental, em que o eu é destituído da sua identidade constitutiva.”

⁶ Chloé Laplantine desenvolveu sua tese de doutorado a partir desse conjunto de notas manuscritas, as quais foram apresentadas e transcritas pela pesquisadora e, posteriormente, reunidas para publicação no livro intitulado *Baudelaire* (Editora Lambert-Lucas, 2011).

significação dos poemas que Benveniste busca definir ao longo de suas notas, detendo-se sobre o que ele chama de “a língua de Baudelaire”. Tal interesse do mestre pela literatura não é redutível a uma “curiosidade”, como referem Bédouret-Larraburu e Laplantine (2015, p. 11); trata-se, para ele, de um *problema de linguística geral*, na medida em que a linguagem poética “transforma a língua” e “ultrapassa as categorias de sua análise”.

Por isso, Vier (2016, p. 10) entende que o próprio conjunto de tais manuscritos apresenta uma “tentativa” de “abordar a linguagem poética a partir da linguística”, configurando-se como um caminho para instaurar objeto e método evocados na resposta de Benveniste a Damur. Assim, compreendendo que o *Dossiê Baudelaire* é um *continuum* nas pesquisas do linguista, Vier examina as próprias notas de Benveniste para investigar como sua escrita configura um estudo semiológico de uma obra.

É possível dizer, então, que esses manuscritos, de certa forma, “legitimam” uma relação que já estava no *fazer* de Benveniste⁷, a qual é atestada pelos seus diversos textos, desde os integrantes de *Problemas de Linguística Geral I e II (PLGs)* até os do *Vocabulário das Instituições Indo-europeias*. De fato, Cavalheiro (2004; 2009), antes mesmo da divulgação dos manuscritos, vinha buscando alinhar, a partir de pistas das reflexões de Benveniste sobre a linguagem, “pontos de encontro com a escrita literária” de modo a “trabalhar a alteridade e seus efeitos para a constituição da subjetividade” (CAVALHEIRO, 2016, p. 85). Para tanto, a pesquisadora, com base na ideia de que a obra literária é um lugar em que se articula um saber sobre o “sujeito”, convoca as categorias benvenistianas de pessoa, tempo e espaço para a análise de textos literários, sobretudo, em prosa.

⁷ Conforme adverte Flores (2013, p. 182), cabe lembrar que, nos manuscritos, não há “uma reflexão linear, perfeitamente articulada às demais produções de Benveniste”; trata-se de um “pensamento em formação”, que deve ser compreendido no interior do texto que o esboça.

Essa vista d’olhos sobre alguns caminhos pelos quais a literatura e a linguística benvenistiana se encontram indica, de um lado, a própria amplitude da *Teoria da Linguagem*⁸ de Benveniste e, de outro, indica a temática do presente artigo, que as enlaça – a literatura e a linguística – como “palavras para fazer ouvir interrogações”. Essa expressão, que dá título a um dos artigos de Teixeira (2006), é aqui convocada livremente para dar a ver o propósito deste texto. Ainda que os recentes manuscritos benvenistianos, tal como recuperado nesta Introdução, despertem o desejo investigativo, não almejo discutir o construto que Benveniste propõe em suas notas sobre Baudelaire, tampouco formular um dispositivo teórico-metodológico a partir do qual examinar um texto literário e sua dimensão estética, seja ele prosa seja poesia – penso que os trabalhos referidos nesta introdução são alguns exemplos desses percursos. Meu propósito é outro: interessa-me a *literatura como uma experiência (inter)subjetivante* (LAPLANTINE, 2013), a qual *testemunha a condição humana na linguagem* e que, portanto, pode configurar-se como um *interrogante* para o pesquisador enunciativo. É sobre essa relação que o presente artigo busca refletir, considerando as bases enunciativas da reflexão do linguista.

Para tanto, em seguida, recupero alguns princípios da teoria enunciativa, conforme Émile Benveniste (2005, 2006), articulando-os a uma noção de literatura como experiência humana, conforme Antonio Candido (1999); após, apresento o conto *O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana*, de Machado de Assis, como um *fato de linguagem*⁹ que produz

⁸ Tal como referido em nota na Introdução deste artigo, a expressão *Teoria da Linguagem* engloba a multiplicidade de trabalhos de Benveniste, cujas temáticas “vão desde o estudo de aspectos da linguística geral, fenômenos diacrônicos, sintáticos, lexicais, culturais, até temas que testemunham uma verdadeira interação com áreas conexas aos estudos da linguagem.” (FLORES, 2013, p. 22).

⁹ A expressão *fato de linguagem* diz respeito ao objeto de análise. A escolha por esse termo ampara-se na argumentação de Flores et al. (2008), presente na obra “Enunciação e gramática”, na qual os autores mostram que, “Em enunciação, o *dado* não é jamais ‘dado’”, motivo pelo qual se costuma empregar o termo “fato”: “O *fato enunciativo de linguagem* se configura no produto de um ponto de vista, que cria o objeto a ser analisado. O *fato* é, de certa forma, um começo de análise já que ele é o produto

“questões” para o linguista; e, por fim, delineio algumas considerações prospectivas.

1 Da linguística à literatura como interrogante: a experiência humana na linguagem

Os breves caminhos retomados na Introdução deste texto evidenciam a multiplicidade de interesses que movia Benveniste e denunciam a amplitude de seu pensamento. Em vista disso, o conjunto de estudos do autor pode ser entendido como uma *Teoria da Linguagem* (FLORES, 2013), aí incluindo todos os trabalhos desenvolvidos pelo linguista, os quais são atravessados por uma tríade epistemológica que considera a relação constitutiva entre *homem, linguagem e cultura*, de modo que a teorização enunciativa, foco deste artigo, é apenas uma parte das reflexões propostas por Benveniste. Essa multiplicidade de interesses encontra sua unidade na *significação* (DESSONS, 2006), ponto de vista fundamental sobre a linguagem: “Se nós colocamos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar.” (BENVENISTE, 1967/2006, p. 222).

Assim, a linguagem não se dissocia do homem. Em outras palavras, *na e pela linguagem*¹⁰, o *homem*, sob o estatuto de *falante* e sob a condição da

intersubjetividade, coloca-se como *locutor* por intermédio da categoria de *pessoa* “eu” em direção a um “tu” (também categoria de pessoa), efetuando sua passagem a *sujeito*, que se configura como um efeito da apropriação da língua e sua conversão em discurso¹¹, o qual, em todas as suas instâncias, revela-se como um “índice global de subjetividade” (DESSONS, 2006).

Tratar de *subjetividade* como a capacidade do locutor para se propor como sujeito requer tratar de *intersubjetividade*, conceito central para a teorização benvenistiana e para a reflexão que aqui proponho, na medida em que partilho a concepção de “literatura enquanto experiência (inter) subjetivante” assinalada por Laplantine (2013, p.223). Flores et al. (2009, p.146) explicam que “a Teoria da Enunciação de Benveniste tem como fundamento a noção de intersubjetividade, já que é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito, e essa condição está na dependência da existência do outro.” Dessa forma, salientam que se pode considerar a intersubjetividade como uma “noção primeira, pressuposta, epistemologicamente, pela noção de subjetividade”, porque diz respeito a uma “‘experiência humana’ que se reflete na língua”.

Interessado pelos indícios dessa presença do *homem na língua*, Benveniste produz o que Teixeira e Messa (2015, p.100) nomeiam como uma “semântica do homem que fala”, formulada com base em uma visão antropológica que “implica a relação mútua entre linguagem, homem, cultura e sociedade.” Quando Benveniste (1958/2005, p.285) afirma que encontramos no mundo “um homem falando com outro homem”, ele nos conduz à relação de implicação entre indivíduo e sociedade. Essa relação comparece, também, na entrevista que ele concede a Pierre Daix,

de uma interpretação.” (FLORES et al., 2008, p.41, grifo dos autores). Nessa direção, a escolha do conto *O espelho* é já produto de uma interpretação, que o coloca na posição de *fato de linguagem* a ser examinado.

¹⁰ Importante ressaltar que a expressão *na e pela* assume valor conceitual no pensamento benvenistiano. Flores et al. (2009, p.219) observam essa expressão em uso no artigo *Da subjetividade na linguagem* (BENVENISTE, 1958/2005, p.286) e concluem que, quando Benveniste afirma ser “na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”, o “‘na linguagem’ diz respeito à condição do homem e é relativa à noção de intersubjetividade; o ‘pela linguagem’ diz respeito ao ‘se reflete na língua.’” Esse posicionamento pode ser estendido, de modo geral, ao uso dessa expressão em outros contextos: *na* assumindo valor de “condição de” e *pela*, de “meio para”.

¹¹ Essa sistematização encontra amparo em Flores (2013, p.118, grifos do autor), segundo o qual “*homem* é um termo que remete à instância antropológica, e *locutor*, a uma instância linguística [...]”, sendo o *sujeito* “um efeito, uma decorrência da apropriação [da língua] feita pelo locutor”, “atrelado à categoria de pessoa”.

apresentada em *Estruturalismo e linguística* (1968a/2006, p.23), na qual afirma que “Vemos sempre a linguagem no seio da sociedade, no seio de uma cultura”, esta compreendida pelo autor, nesse texto, como “um sistema que distingue o que tem sentido”, já que “Tudo o que é do domínio da cultura deriva no fundo de valores” e são esses valores “os que se imprimem na língua” (BENVENISTE, 1968a/2006, p. 22).

Tais princípios da teorização benvenistiana permitem, de acordo com Teixeira (2012, p.37), não só descrever a língua-discurso sob o prisma de seu funcionamento enunciativo, mas também “produzir conhecimento sobre o homem”, pois o que se sabe sobre a linguagem é indissociável daquilo que se sabe sobre o homem (DESSONS, 2006). Assim, segundo Teixeira (2012, p.38), a teoria enunciativa de Benveniste, embora inscrita no campo da Linguística, “transborda para o âmbito das relações entre a linguagem e o homem”.

Nesse “transbordar”, penso poder *encontrar* a literatura. Que é a literatura senão “algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem”, como nos ensina Antonio Candido (1999, p.82)? Essa “capacidade que ela tem de confirmar a humanidade do homem” (CANDIDO, 1999, p.81) a enlaça àquilo que é próprio da linguagem: “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*” (BENVENISTE, 1966/2006, p.222, grifo do autor). Sendo linguagem, a literatura *serve para viver*; a literatura “humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 1999, p.85). Nesse sentido, é ela uma “experiência humana” (CANDIDO, 1999, p.82), em outras palavras, uma “experiência (inter)subjektivante” (LAPLANTINE, 2013), a qual revela o trabalho incessante dos locutores com e sobre a língua na sua conversão em discurso e que possibilita a esses locutores, pelo uso mesmo da língua, (re)constituírem um ao outro, o mundo e a própria língua-discurso.

Diante desse laço entre linguagem, literatura e homem e à luz de uma linguística que é capaz de dar conta da atividade humana na linguagem,

entendo que o linguista enunciativo pode ler “palavras que fazem ouvir interrogações” *na e pela* literatura como *experiência (inter)subjektivante*. Se, por um lado, como linguistas enunciativos não temos o propósito de “abordar o problema da função da literatura como representação de uma dada realidade social e humana, que faculta maior inteligibilidade com relação a esta realidade” (CANDIDO, 1999, p.86), por outro, podemos articular essa “representação” com a nossa “realidade” de analistas da linguagem, “realidade” que se constitui com base em uma linguística cujo fundamento é o de uma antropologia da linguagem (DESSONS, 2006). Esse fundamento, que traduz a indissociabilidade entre homem e linguagem, convoca outro, relativo à implicação mútua entre indivíduo e sociedade, devendo ser esses termos considerados em uma realidade dialética que os englobe conjuntamente.

E é a busca por “explicar o aparecimento e a razão de ser [...] da sociedade” que produz em Antonio Candido (1999, p.83) um questionamento, reproduzido na epígrafe deste artigo: há “pontos de contato” entre “a imaginação explicativa, que é a do cientista, e a imaginação fantástica, ou ficcional, ou poética, que é a do artista e do escritor” no que se refere ao modo como “explicam” a sociedade?¹² Penso que múltiplos pontos de contato podem ser estabelecidos, considerando, justamente, essa produção de saber sobre o homem e a sociedade a partir da relação indissociável com a linguagem. Eu proponho uma possibilidade a partir da noção de *interrogante*: como a literatura, sendo *experiência (inter)subjektivante*, produz palavras para fazer o linguista “ouvir interrogações”?

¹² Não adentro, neste momento, na problematização sobre essa dicotomia entre o estatuto da ciência e da arte, problematização que entendo necessária e reservo para reflexões futuras, pois partilho, com Dessons (2006, p.10, tradução nossa), a percepção de que “estamos acostumados a associar a noção de arte às práticas artísticas canônicas: pintura, música, escultura [...], confundindo o que os gregos não confundiam: técnica e criação, prática e invenção.” Compreendo, com o autor, que “há uma arte de pensar que faz do pensar uma obra de arte.”

Desse tipo de relação – “curiosa”, diria Antonio Candido (1999, p.83) –, o linguista não sai como ele aí entrou. Se, como afirma Laplantine (2009, p.25, tradução nossa), Benveniste mostra que “o poema – a linguagem poética – transforma a linguagem”, então, concordamos que, “para o linguista, isso seria pensar que um poema transforma o ponto de vista do analista, transforma seu leitor.” E isso se estende à literatura em geral. Em outras palavras, a literatura transforma o ponto de vista do analista, sensibilizando-o, de um lado, para perceber a “linguagem considerada do ponto de vista da arte”, como salienta Dessons (2009, p. 71), e, de outro, para retornar criticamente aos próprios princípios que fundamentam o seu fazer como linguista. Adaptando o que diz Candido sobre o desprezioso leitor da obra literária, é como se o linguista, também alçado a essa condição, passasse a se sentir “participante de uma humanidade que é a sua, e deste modo, [estivesse] pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda [como linguista] o que o escritor lhe oferece como visão da realidade” (CANDIDO, 1999, p.89-90).

É sobre uma dessas experiências de leitura que a seção a seguir dá testemunho: a partir do conto *O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana*, de Machado de Assis¹³, considerado como um *fato de linguagem*, busco compreender como o modo pelo qual o conto explica as relações do homem com a sociedade dá a ver princípios que fundamentam a própria linguística enunciativa benvenistiana, com ênfase, para este artigo, na relação constitutiva entre indivíduo e sociedade. Passemos ao conto, pois, como nos diz o seu personagem principal, “Os fatos explicarão melhor os sentimentos: os fatos são tudo. A melhor definição do amor não vale um beijo

de moça namorada; e, se bem me lembro, um filósofo antigo demonstrou o movimento andando. Vamos aos fatos.”

2 Do conto machadiano aos princípios benvenistianos: a relação constitutiva entre indivíduo e sociedade

Conta-nos o narrador de *O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana* que quatro ou cinco cavalheiros debatiam, certa noite, questões sobre a natureza humana. Até que um, desafiado pelos demais, resolveu provar o que dizia e passou a contar-lhes um caso de sua vida, pelo qual demonstraria que cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora – a *alma interior* –, outra que olha de fora para dentro – a *alma exterior*. Conforme Jacobina, o cavalheiro protagonista do conto machadiano, era preciso saber, ainda, que a alma exterior, que pode ser um homem, muitos homens, um livro, um simples botão de camisa, não é sempre a mesma: ela muda de natureza e de estado. E ele mesmo tinha experimentado essas trocas. Segundo ele, estava claro que “o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja”. E acrescentou: “Quem perde uma das metades perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira”. Recolhendo suas memórias, a fim de comprovar sua tese da dupla alma, interior e exterior, passou a narrar o que vivenciou quando fora nomeado a alferes da Guarda Nacional.

As palavras que me interrogam para construir uma leitura desse conto exigem relembrar, antes de adentrar a história de Jacobina, um princípio benvenistiano presente no artigo *Da subjetividade na linguagem* (1958/2005, p.285): se “A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou” e se “É um homem falando que encontramos no mundo, um

¹³ Em minha tese de doutorado (KNACK, 2016), desenvolvida sob a perspectiva enunciativa benvenistiana, inspirei-me na história do conto machadiano para, primeiro, teorizar a respeito da relação constitutiva entre indivíduo e sociedade *na e pela* linguagem e, segundo, analisar mudanças de posição de locutor no discurso de alunos que fizeram sua passagem do ensino escolar ao superior.

homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem”, compreendo que a relação com o *outro* é condição fundamental para o homem constituir-se não só como sujeito de linguagem mas também como indivíduo na sociedade. Já defendia Benveniste (1968b/2006, p. 93): “A linguagem é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro homem, de lhe transmitir e de receber dele uma mensagem. Consequentemente, a linguagem exige e pressupõe o outro”.

Exigir e pressupor o outro coloca a relação intersubjetiva na própria natureza da linguagem. Segundo esclarece Benveniste em *O aparelho formal da enunciação* (1970/2006, p.84), “Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário”. Essa relação, conforme abordado na seção anterior, foi concebida pelo linguista sob o conceito de *intersubjetividade*, condição para a *subjetividade*: a fim de constituir-se como sujeito de linguagem, está-se na dependência da existência do *tu*, que, de acordo com o autor, pode ser “real ou imaginado, individual ou coletivo”; pode ser, inclusive, um desdobramento do próprio *eu* em *eu locutor* e *eu ouvinte* (1970/2006, p. 87).

Essa situação dialética do *eu* e do *outro*, que implica a linguagem, mostra que não é possível reduzir a um só termo tal relação, seja ele a alma interior seja a alma exterior, nos termos do conto machadiano, pois perder uma das metades leva a perder metade da existência, quando não a existência inteira, como adverte Jacobina, o personagem de *O espelho*. Tal é o fundamento do princípio benvenistiano segundo o qual indivíduo e sociedade são termos complementares que se definem em uma relação mútua. É o que pontua o linguista em *Da subjetividade na linguagem* (1958/2006, p. 287):

Caem assim as velhas antinomias do “eu” e do “outro”, do indivíduo e da sociedade. Dualidade que é ilegítimo e errôneo reduzir a um só termo original, quer esse termo único seja o *eu*, que deveria estar instalado na sua própria consciência para abrir-se então à do “próximo”, ou seja, ao

contrário, a sociedade, que preexistiria como totalidade ao indivíduo e da qual este só se teria destacado à medida que adquirisse a consciência de si mesmo. É numa relação dialética que englobe os dois termos e os define numa relação mútua que se descobre o fundamento linguístico da subjetividade.

O princípio que explica, segundo Benveniste, a constituição indivíduo-sociedade – a referida “relação dialética”, a qual engloba os dois termos e os define numa relação mútua – convoca a relação dialética da dupla alma, interior-exterior, que entendo poder explicar, segundo a perspectiva do conto machadiano, a constituição indivíduo-sociedade. Relembremos, primeiro, o que diz Jacobina a respeito da *alma exterior*:

- Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...
- Não?
- Não, senhor; muda de natureza e de estado. [...]. Pela minha parte, conheço uma senhora, – na verdade, gentilíssima, – que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano. Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação, a alma exterior substitui-se por outra: um concerto, um baile do Cassino, a rua do Ouvidor, Petrópolis... [...] Eu mesmo tenho experimentado dessas trocas. Não as relato, porque iria longe; restrinjo-me ao episódio de que lhes falei. Um episódio dos meus vinte e cinco anos...

Disso é possível entender que muitas são as nossas almas exteriores, isto é, muitas são as formas que podem materializar o *outro*, ou tudo aquilo que integra a *sociedade*, constituindo o homem e sua alma interior. Eis a relação mútua, que engloba os dois termos (*eu-outro, indivíduo-sociedade, alma interior-alma exterior*), como “laranja partida ao meio”. O que Jacobina mostra é que sempre estamos em relação com a sociedade, que, em suas instâncias, provoca, possibilita e até exige essas *trocas* de alma exterior. De todas as possíveis “trocas de alma exterior”, as quais, metaforicamente, podem aludir aos modos como percebemos esse *social* e como, em uma relação dialética com ele, constituímos-nos *individualmente*, interessa

ao personagem machadiano um *episódio*, o da troca de alma exterior em virtude de sua nova posição social: a de alferes. É esse episódio que Jacobina passa a narrar, ato discursivo que remete à reflexão benvenistiana presente em *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*:

Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que o ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido. Assim a situação inerente ao exercício da linguagem, que é a da troca e a do diálogo, confere ao ato do discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva (BENVENISTE, 1963/2005, p.26).

É por isso que Jacobina pôde, recolhendo as memórias, narrar aos outros cavalheiros os acontecimentos que vivenciou. A “comunicação de significados, substituindo os acontecimentos ou as experiências pela sua ‘evocação’” (BENVENISTE, 1963/2005, p.30), dá-se por meio da língua convertida em discurso. As palavras aladas do discurso, animando as coisas inertes, trazendo de volta o que desaparecera, transportaram os cavalheiros que ouviam o relato de Jacobina a uma “realidade” evocada pelo discurso. Não se trata do acontecimento vivido: trata-se do discurso que *evoca* o acontecimento vivido.

Segundo Benveniste enfatiza no artigo *A linguagem e a experiência humana* (1965/2006), a noção de *acontecimento* é essencial: “nossa vida vivida corre” e ela própria faz parte dos acontecimentos, os quais podem ser submetidos ao nosso olhar de “observador” e percorridos do passado ao presente ou do presente ao passado. Tal é o movimento que vemos no conto machadiano: Jacobina, homem já maduro, volta-se ao seu passado e rememora, como observador, acontecimentos que *viveu* na mocidade. Esses fatos estão no tempo crônico – que, segundo Benveniste (1965/2006, p. 71),

diz respeito ao “tempo dos acontecimentos, que engloba também nossa própria vida enquanto sequência de acontecimentos” –, mas não no tempo da língua. O que é preciso para que se constituam como acontecimentos¹⁴ *de e na* linguagem? Como falar é *falar de*, esse acontecimento deve tornar-se *referência* no discurso, sendo nele evocado e significado, pois “o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o ‘agora’ e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo” (BENVENISTE, 1970/2006, p.86).

Passemos ao relato de Jacobina: segundo ele, tinha vinte e cinco anos quando, dentre outros candidatos, fora nomeado alferes da Guarda Nacional e, a partir disso, passou a ser chamado de “o seu alferes”, sobretudo por sua família e sua mãe. Uma tia, que residia em um sítio solitário, distante da vila, quis vê-lo e pediu que lhe levasse a farda. Na casa de tia Marcolina, era “senhor alferes para cá, senhor alferes para lá”. Jacobina insistiu que o chamasse como antes, Joãozinho, ao que ela negativamente respondia. O senhor, então, contou aos cavalheiros que tudo o que lá faziam para ele – as coisas, as atenções, o carinho – produziram nele uma “transformação”. Isso porque sua alma exterior, que antes, conforme ele, eram o sol, o campo, os olhos das moças, passou a ser tudo aquilo que lhe falava do posto e nada do que lhe falava “do homem”. Logo, “O alferes eliminou o homem”.

Assim, pela experiência do acontecimento (re)criada no discurso de Jacobina, é possível constatar que a designação para integrar a Guarda Nacional provocou uma alteração significativa para o personagem, pois mudou o modo como era nomeado: deixou de ser o Joãozinho e passou a ser “o senhor alferes”. Essa imposição de um novo *status*, impressa no modo

¹⁴A ideia de *acontecimento de e na linguagem* é inspirada na noção de *frase* proposta por Benveniste em *A forma e o sentido na linguagem* (1966/2006, p.231, grifo nosso): “A frase é então cada vez um acontecimento diferente; ela não existe senão no instante em que é proferida e se apaga neste instante; é um acontecimento que desaparece.”

de nomeá-lo, sinaliza como o *acontecimento de linguagem* produz tanto mudanças na alma exterior quando na alma interior. Concluiu Jacobina: “No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes.”

Em outras palavras, como o *eu* e o *outro*, o *indivíduo* e a *sociedade* definem-se numa relação mútua, em que um termo não se concebe sem o outro, a transformação de uma alma gera efeitos na outra. Esses efeitos são evidenciados a partir de diversos trechos do conto: certo dia, estando Jacobina ainda no sítio, uma viagem da tia fez-se necessária – uma filha que morava longe estava prestes a falecer – e o sítio em que estavam foi se esvaziando, a “alma exterior se reduzia”, de tal modo que o protagonista, em pouco tempo, achou-se só, sem mais ninguém, e apenas se sentia aliviado ao dormir.

[...] o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. Mas quando acordava, dia claro, esvaía-se com o sono a consciência do meu ser novo e único – porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar... Não tornava.

Como poderia Jacobina ser alferes se o *outro* não estava ali para reconhecê-lo como tal? O personagem, não por acaso, cede ao espelho “com o fim de achar-[se] dois”. Esse desdobramento de si mesmo por meio da visão no espelho lembra a relação intersubjetiva tematizada por Benveniste em *O aparelho formal da enunciação* (1970/2006, p.87-88) a partir do monólogo, no qual o *eu* “se divide em dois, ou assume dois papéis”, *eu locutor* e *eu ouvinte*, cuja “presença é necessária e suficiente para tornar significativa a enunciação do eu locutor.” Confessou Jacobina que, se antes

não olhava para o espelho com “o receio de achar-[se] um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária”, com o passar de oito dias voltou-se para o espelho “com o fim justamente de achar-[se] dois”; “nada prova melhor a contradição humana”, afirmou ele.

Mas o espelho refletiu uma imagem “vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra”, que o atordoou. Logo decidiu ir embora do sítio e, de súbito, resolveu também vestir sua farda. Desesperado e já fardado, olhou-se novamente, e então o espelho reproduziu sua imagem integralmente, sem linhas a menos, sem contornos difusos: “era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho”. Pouco a pouco, dá-se ele conta da constituição de sua alma interior: é o objeto “farda”, símbolo do alferes, que o auxilia a tomar essa consciência. “Imaginaí um homem que, pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver [...]. Daí em diante, fui outro.”

Mais uma vez, vemos como a percepção de si só é possibilitada pela percepção do outro, neste caso, o outro constituído pelo desdobramento de sua própria imagem (seu *eu*) no espelho, a partir do que ela representa na sociedade. Essa cena, dentre outras no conto, permite mostrar que não há como pensar a existência humana fora das relações intersubjetivas, isto é, fora das relações com o outro, com a sociedade, instauradas na e pela linguagem.

Ao voltar o olhar, de modo breve e ensaístico, para essas relações em *O espelho*, construí uma possibilidade interpretativa que deu relevo à maneira como o conto, em meu entendimento, explica as relações do homem com a sociedade, a partir da metáfora da dupla alma. Outros recortes e outras interpretações são possíveis. O fato é que essa “visão da realidade” oferecida pela literatura *ilumina* princípios que fundamentam a própria linguística enunciativa benvenistiana, conforme almejei mostrar ao longo desta seção.

Não se trata, portanto, de uma análise enunciativa do conto; trata-se de, lendo *palavras que fazem ouvir interrogações*, estabelecer *pontos de contato* entre a literatura e a linguística quanto ao modo como explicam a relação constitutiva indivíduo-sociedade. A “imaginação fantástica, ou ficcional” de Machado, transposta para o conto *O espelho*, produziu, como interrogantes, questões para a “imaginação explicativa” do linguista interessado em aspectos que transbordam de seu campo para encontrar a significação que une as ciências humanas.

Considerações finais

O presente artigo, inspirado na multiplicidade de interesses que movia Émile Benveniste, buscou enlaçar a literatura, representada pelo conto *O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana*, de Machado de Assis, e a linguística derivada dos postulados benvenistianos.

Como descrito nas *Considerações iniciais* deste artigo, atualmente, os manuscritos de Benveniste sobre a poética de Baudelaire têm gerado contundentes pesquisas acerca da interface literatura e linguística. Bédouret-Larraburu e Laplantine (2015, p. 18) destacam que o “movimento de abertura da teoria da linguagem de Benveniste em direção ao poema” torna possível “uma reflexão linguística sobre os textos literários”. Outros trabalhos, de fato, já estão trilhando esse caminho.

Porém, o propósito aqui almejado era outro, não voltado ao poema, mas à prosa; não voltado à elaboração de um dispositivo de análise que possa algo dizer das dimensões estéticas ou enunciativas do texto literário, mas ao próprio processo reflexivo sobre uma possibilidade de “contato” entre a “imaginação explicativa, que é a do cientista” e a “imaginação fantástica, ou ficcional, ou poética, que é a do artista e do escritor” (CANDIDO, 1999, p. 83) no que se refere ao modo como problematizam a relação constitutiva entre indivíduo e sociedade.

Desse modo, inspirada em Laplantine (2013) e em Candido (1999), propus considerar a literatura como uma experiência (inter)subjetivante que testemunha a condição humana na linguagem e que se estabelece, assim, como um interrogante para o pesquisador enunciativo. Isso porque, no “transbordar” da teorização benvenistiana “para o âmbito das relações entre a linguagem e o homem” (TEIXEIRA, 2012, p. 38), encontro a literatura.

E foi com o olhar para as atividades significantes do homem na sociedade instauradas *na* e *pela* linguagem que elegi o conto *O espelho* como um fato de linguagem a ser analisado, o qual permitiu constatar que Jacobina (re) descobre-se na sua individualidade quando percebe que algo do seu laço com o social muda. Se o homem é constituído pela “dupla natureza que a linguagem funda e instaura nele” (BENVENISTE, 1968c/2006, p. 104), se o homem tem essas duas almas, a interior e a exterior, mudando uma delas, produzem-se efeitos na outra. Eis a experiência que atesta que o *eu* se define como indivíduo em uma relação dialética com o *outro*, com a *sociedade*, o “suporte e a condição da vida coletiva e individual” (BENVENISTE, 1968c/2006, p. 96).

Não há dúvidas de que a literatura interessa imensamente à linguística benvenistiana, e as relações entre esses campos podem ser desdobradas em inúmeras direções. Porém, recuperando a prospectiva resposta de Benveniste a Dumur, eu ainda diria que “este trabalho apenas começou”.

Referências

- ASSIS, Machado de. *O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana*. In: ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II.
- BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem (1958). In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- BENVENISTE, Émile. Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística (1963). In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

- BENVENISTE, Émile. A forma e o sentido na linguagem (1967). In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- BENVENISTE, Émile. Estruturalismo e linguística (1968a). In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- BENVENISTE, Émile. Esta linguagem que faz a história (1968b). In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- BENVENISTE, Émile. Estrutura da língua e estrutura da sociedade (1968c). In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação (1970). In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- BÉDOURET-LARRABURU; Sandrine; LAPLANTINE; Chloé. Avant-propos: vers une poétique générale. In: BÉDOURET-LARRABURU; Sandrine; LAPLANTINE; Chloé. (Org.) *Émile Benveniste: vers une poétique générale*. Presses de l'Université de Pau et des Pays de l'Adour: 2015.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Remate de Males*, Revista do Departamento de Teoria Literária da UNICAMP, ed. especial, 1999. DOI: <[10.20396/remate.v0i0.8635992](https://doi.org/10.20396/remate.v0i0.8635992)>.
- CAVALHEIRO, Juciane dos Santos. Linguística/Literatura: um diálogo possível? *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 45-54, dez. 2004.
- CAVALHEIRO, Juciane dos Santos. *A alteridade e seus efeitos na constituição da subjetividade: uma análise enunciativa dos protagonistas kafkianos*. 2009. 202 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2009.
- CAVALHEIRO, Juciane dos Santos. Enunciação e literatura: contribuições da teoria da linguagem e do estudo dos pronomes de Émile Benveniste. *ReVEL*, ed. especial, n. 11, 2016.
- DESSONS, Gérard. La place du poème dans la théorie du discours. In: MARTIN, Serge (Org.). *Émile Benveniste: pour vivre langage*. Essais pour la poétique. Mont-de-Laval: L'Atelier du Grand Tétrás, 2009.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.
- FLORES, Valdir do Nascimento et al. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- KNACK, Carolina. *Por uma dimensão antropológica do discurso: as passagens do aluno nas instâncias de ensino*. 2016. 164 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- LAPLANTINE, Chloé. La poétique d'Émile Benveniste. In: MARTIN, Serge (Org.). *Émile Benveniste: pour vivre langage*. Essais pour la poétique. Mont-de-Laval: L'Atelier du Grand Tétrás, 2009.
- LAPLANTINE, Chloé. Émile Benveniste: em direção a uma poética do discurso (Entrevista realizada por Valdir N. Flores e Marlene Teixeira). *Calidoscópio*, São Leopoldo, v. 11, n. 2, p. 222-225, maio/ago. 2013.
- VIER, Sabrina. *Quando a linguística encontra a linguagem: da escrita de Émile Benveniste presente no Dossiê Baudelaire ao estudo semiológico de uma obra literária*. 2016. 176 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2016.
- TEIXEIRA, Marlene. Palavras para fazer ouvir interrogações. *Organon*, Porto Alegre, n. 40/41, p. 231-253, jan./dez. 2006.
- TEIXEIRA, Marlene. O ato enunciativo e a instauração da experiência de trabalho de profissionais de enfermagem. *Revista Moara*, n. 38, p. 37-53, jul./dez. 2012.
- TEIXEIRA, Marlene; MESSA, Rosângela M. Émile Benveniste: uma semântica do homem que fala. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 13, n. 1, p. 97-116, jun. 2015.

Recebido em 25/04/2018

Aceito em 02/11/2018